



Raissa
Selvaticci

Princesas Mortas não se Apaixenam.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Planeta

Raíssa Selvaticci

Princesas Mortas não se Apaixenam



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Raíssa Selvaticci, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Elisa Martins
Revisão: Lígia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Vivian Valli
Ilustração de capa: Jenifer Prince
Capa: Beatriz Borges

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Selvaticci, Raíssa
Princesas mortas não se apaixonam / Raíssa Selvaticci. -- 1. ed. -- São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
352 p.

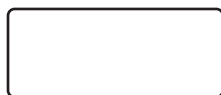
ISBN 978-85-422-2206-7

1. Ficção brasileira I. Título

23-1844

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta 
Brasil | **20**
ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Dante MT Std, Barlow Condensed, Hummingbird, Good Karma e Amatic e Impresso para a Editora Planeta do Brasil em maio de 2023.

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PRÓLOGO

* INSIRA AQUI AQUELA CENA FAMOSINHA DE *O SEXTO SENTIDO*. *

Roma B. Wallen sempre quis viver um romance de cinema.

Talvez por isso segurasse aquela revista nas mãos, uma relíquia, que prometia transformar ficantes em namorados. Encontrara-a nos fundos da estante do seu quarto, enquanto organizava os livros para doação antes da viagem. Agora, estava impressionada com a quantidade de conselhos péssimos que uma adolescente podia receber de um bloquinho de papel aparentemente inofensivo.

Por curiosidade, lia a matéria de capa. Segundo o texto, havia cinco coisas que todo mundo precisa averiguar antes de decidir se quer ou não transformar um ficante em namorado.

A primeira delas era a aparência. Óbvio, previsível, fútil. O próprio texto reconhecia que julgar as pessoas pelo exterior era uma coisa negativa, mas inevitável. Roma sabia que passaria nesse quesito. As pessoas diziam que ela tinha uma beleza exótica por conta de seus olhos de cor violeta. Eram fruto de uma doença rara chamada síndrome de Alexandria. De tempos em tempos, a comunidade científica brigava para decidir se isso era ou não uma doença de verdade, mas, bem, seus olhos estavam ali, brilhando como ametistas.

A segunda era o nome completo, porque você não pode namorar alguém se os sobrenomes não ficam bem juntos. Roma mordeu o lábio, pensando que talvez não passasse nesse quesito. Afinal, Roma Borges Wallen não era uma combinação das mais sonoras, mas ela não tinha culpa de sua mãe ser brasileira e seu pai, britânico.

Sua ex-melhor amiga costumava chamá-la de “alien”.

Roma revirou os olhos diante da lembrança e passou a página para ler o próximo tópico: “Onde essa pessoa pretende estar nos próximos cinco anos?”. Era uma pergunta importante, considerando que a primeira paixonite adolescente de Roma tinha mudado de cidade do dia para a noite e ela nunca mais recebera notícias dela. Ela passou os olhos pelo avião silencioso ao seu redor, a maioria dos passageiros dormindo como pedra. Soube que reprovaria no terceiro ponto, porque tinha acordado na sexta-feira decidida a cursar o último ano do ensino médio em Londres, mesmo depois de já ter feito o primeiro semestre no Brasil. Uma sucessão de traumas culminara na sua decisão, mas ainda era algo repentino.

Quarto ponto: ficha criminal. Sendo filha de um dos detetives mais renomados da Scotland Yard, Roma sabia bem que namorar um criminoso estava fora de questão.

Na visão da garota, o quinto e último tópico era o mais interessante. Ela se ajeitou na poltrona para enxergar melhor e releu a frase no fim da página: “Você precisa saber uma coisa que ninguém mais sabe sobre ele”. Roma tinha certeza de que reprovaria nesse. A maioria das pessoas tem segredos simples. Sem pensar muito, vários deles vinham à mente: babar durante o sono, comer casquinha do McDonald’s com batata frita, ser viciada em livros de romance erótico ou ter uma coleção de unhas do dedão do pé. Coisas vergonhosas, algumas nojentas, mas todas simples.

O segredo de Roma era um pouco mais complexo.

Desde que conseguira se entender como um ser humano pensante, ela via gente morta.

E, com toda a certeza, esse é o tipo de informação que desclassifica qualquer pretendente.

OU CAPÍTULO 1 A SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ADVERTE: ÀS VEZES O MELHOR É FINGIR QUE CERTAS COISAS NUNCA ACONTECERAM.

Roma

— Pai — Roma murmurou —, você precisa de um marido de aluguel.

Declan Wallen abriu um sorriso constrangido enquanto jogava uma almofada amarela em cima do buraco evidente do sofá da sala. As paredes pintadas de cor creme tinham rachaduras leves e, na opinião leiga de Roma, era questão de tempo até que uma infiltração aparecesse. O apartamento do pai era tão pessoal quanto a sala de uma escola: não fosse pelas garrafas de uísque no armário da cozinha, ela nem diria que alguém estava morando ali.

O visual desleixado do apartamento não condizia com o salário de chefe da polícia metropolitana de Londres, mas Declan era um detetive típico: bebida em excesso, uma ex-namorada morta no currículo e sérias dificuldades em demonstrar sentimentos. Deixava seu apartamento como deixava seu coração: empoeirado e sem perspectiva de visitas.

— Podemos comprar um papel de parede para o seu quarto — sugeriu, enquanto puxava uma das malas de Roma para dentro. O chaveirinho no formato do Cristo Redentor que enfeitava o puxador do zíper balançou, fazendo com que a garota duvidasse da sua escolha por quase um minuto inteiro.

— Não precisa — murmurou em resposta, um tanto receosa, colocando os fios de cabelo platinado atrás da orelha. — Na verdade, acho que não mencionei todos os meus planos quando conversamos pelo telefone. — E não era culpa dela, porque Declan tinha desligado o telefone depois de concordar com sua ida para Londres e dizer que precisava escalar policiais para um caso de roubo na Baker Street. — Me inscrevi em uma bolsa para Charterhouse.

— Charterhouse... — Declan repetiu, o tom de voz um tanto confuso. Ele apoiou as malas de Roma nos ombros e levou-as para dentro, deixando a garota em dúvida quanto a segui-lo ou não. — O colégio só para garotas?

— Começaram a aceitar garotos no ano passado — disse, sem saber se essa era uma informação positiva ou negativa na visão do pai —, eles têm um programa de esportes interessante. — Roma deu pequenas voltas pela sala e precisou pensar antes de continuar a conversa, o inglês enferrujado de anos sem praticar. — E alojamentos, o que significa que não vou tirar a sua privacidade. — Ela temeu estar sendo fria demais, então completou: — Mas eu posso vir para casa nos fins de semana.

Batendo as mãos uma na outra, o homem voltou para a sala.

— Charterhouse — ele repetiu, outra vez. Roma teve a impressão de que estava tentando ganhar tempo enquanto decidia se soltava ou não determinadas informações. O pensamento de um detetive é sempre assim: calculado. — Conheço uma garota de lá.

Roma fez uma careta.

— Você não está transando com colegas, está? — Ela deu uma risadinha nervosa, porque sabia que era uma hipótese possível. Seu pai não era feio, tinha o corpo atlético e olhos claros. Ele só precisava de uma garota boba e com *daddy issues* o bastante para aceitar as inconveniências de namorar um homem da lei.

— Que horror, *Rome* — comentou, divertindo-se, cruzando os braços e apoiando o ombro no batente da porta. Roma sentiu algum conforto ao ouvir o apelido, lembranças da infância em Ilha Grande voltando à mente. Seus pais até tentaram ser um casal normal, mas não deu muito certo. Ela era fruto de um caso de uma noite só, a viagem de formatura da mãe culminando em um presentinho nove meses depois. Apesar disso, Declan se esforçava para visitá-la ao menos três vezes por semestre, número que foi diminuindo à medida que ela crescia e o trabalho na polícia aumentava. — É serviço de proteção — segredou.

— Os membros da família real estão em polvorosa desde que aconteceu um assassinato nos arredores de Buckingham.

— Aconteceu um assassinato nos...

— Sim — Declan a cortou. — Mas nós não vamos ter essa conversa. — Ele apontou para a estante de madeira empenada da sala. — Está vendo os DVDs? — Uma caixa de *CSI: Miami* era o que mais chamava a atenção. — É o mais perto que você vai chegar de um crime enquanto estiver aqui em Londres.

Roma revirou os grandes olhos de cor violeta. Por pura provocação, queria dizer ao pai que estavam em 2023 e boa parte das pessoas que usavam DVDs já tinha batido as botas, mas decidiu que seria atrito demais para as suas primeiras horas em terra britânica.

Desde pequena, ela dizia que seguiria os passos de Declan e se tornaria detetive da Scotland Yard. Era o único emprego mórbido o bastante para que o seu dom esquisito deixasse de ser um estorvo, mas seus pais não estavam de acordo com isso. Esse era um dos motivos para ter escolhido terminar o ensino médio em Charterhouse. Eles valorizavam os esportes e ela esperava se encontrar correndo atrás de bolas em vez de mortos.

Ela estava com uma resposta na ponta da língua quando o celular de Declan tocou, um arrepio descendo pela nuca da garota diante do som estridente. Ele recusou a chamada pressionando o botão de desbloquear duas vezes seguidas.

— Parece que o plantão de hoje vai ser cheio — disse ele, balançando o telefone, como se Roma não tivesse visto a ligação. — A casa é sua, Rome. Tem uns bares legais aqui na rua. Caso você queira jantar, fazer amigos ou sei lá.

Roma assentiu.

— Obrigada — disse. — Bom trabalho. Tente não morrer no processo.

Declan deu um sorriso antes de pegar sua carteira na mesa da sala e sair, as tábuas do piso rangendo com o seu peso. Essa era uma piada que Roma fazia sempre que o pai estava indo embora do Brasil, de volta para Londres.

Aconteça o que acontecer, não morra no processo.

O apartamento pareceu mais frio com a saída de Declan. Roma caminhou até as janelas e puxou as persianas para cima, o pôr do sol alaranjado invadindo o espaço e deixando a sala com um pouco mais de vida. O apartamento do pai era no oitavo andar e tinha uma vista bonita da cidade: de onde estava, ela conseguia enxergar parte da London Eye e uma faixa de água do rio Tâmesa. Um cheiro reconfortante de waffle e mel estava impregnado no ar, mas Roma não sabia de onde vinha.

Ela fechou os olhos, sentindo os últimos minutos de sol quente no rosto. Pela primeira vez em dias, se permitiu sentir um pouco de empolgação. Estava

do outro lado do mundo, longe dos que a conheciam desde sempre. Poderia ser qualquer pessoa, fazer qualquer coisa. Todos os seus problemas estavam trancados dentro da mala, dentro do iPhone que Roma não pretendia ligar tão cedo.

Um cheiro desagradável de enxofre interrompeu sua paz, a mucosa das narinas ardendo diante do fedor repentino. Ela já sabia o que estava por vir, mas seu coração disparou quando abriu os olhos.

Encontrou o rosto deformado de uma garotinha de cabeça para baixo na janela. O cheiro de waffle se perdeu de vez, o fedor peçonhento se intensificando ao redor do corpo de Roma, como se fossem mãos tentando alcançá-la.

Roma levou uma das mãos até o peito e mostrou o dedo médio para a menina, que abriu um sorriso travesso, exibindo os dentes sujos de sangue.

Seu nome era Pietra.

Não era seu nome de verdade, mas o que Roma havia escolhido. Ela costumava nomear aqueles que apareciam com mais frequência, embora não soubesse nada sobre eles. Às vezes, cheiravam muito mal. Outras vezes pareciam pessoas de verdade e, não raramente, apareciam na forma hollywoodiana de fantasma: um espectro.

Depois de muitas reuniões espirituais, encontros com médiuns renomados, banhos de água-benta e até uma sessão de exorcismo, Roma aceitara a presença deles como aceitava que nunca teria mais que um metro e sessenta e dois de altura.

Ela fechou as janelas com um pouco mais de agressividade que o necessário. Depois que estavam fechadas, temeu que despencassem e ficou alguns minutos em silêncio, observando a madeira tremer suavemente. Quando teve certeza de que não cairiam, abriu um meio sorriso.

O que não tem remédio remediado está.

CAPÍTULO 2

COMO JÁ DISSE TAYLOR SWIFT: “I KNEW YOU WERE TROUBLE WHEN YOU WALKED IN” (E ME APROXIMEI DO MESMO JEITO PORQUE ME FALTA SENSO DE AUTOPRESERVAÇÃO).

Amélia

Com as pontas dos dedos, Holy puxou a azeitona para fora do seu copo de vodka, levando-a até os lábios pintados num tom exagerado de vermelho. Deu uma mordida na polpa verde e, sem terminar, mirou o caroço na lixeira mais próxima de onde estava sentada. Errou por muito e pensou que seria divertido se, por acaso, alguém troçasse nos restos da sua azeitona e caísse.

— Acho que as pessoas não se divertem mais como antigamente. — Holy fez um bico para Benjamin, que acabava de virar um gole de cerveja preta. Como de costume, o conde de Cambridge não se parecia com o conde de Cambridge naquela noite, os olhos azuis que chamavam tanta atenção escondidos atrás de óculos quadrados.

— É terça-feira — disse ele, a convicção invejável —, eu te falei que ninguém sai de casa às terças-feiras.

Ela soltou um suspiro frustrado antes de passar os olhos pelos clientes do bar, homens de meia-idade em sua maioria. Aos fins de semana, o espaço costumava ser ponto de encontro dos jovens de Londres, e aparentemente isso não se estendia aos dias úteis. A maioria ali tinha o rosto cansado e pouca vontade de festejar.

Holy apoiou as mãos no balcão do bar, jogando o banco onde estava sentada um pouco para trás. Uma gota de suor desceu por seu pescoço. A peruca escura com a qual escondia os fios ruivos deixava sua cabeça ardendo de calor.

— Pessoas que estão prestes a se casar saem às terças-feiras — protestou. — Você vai ver. É questão de tempo até que anunciem.

Benjamin moveu a cabeça, em negativa.

— Você ainda não tirou isso da cabeça.

— Não tirei nem vou tirar — disse ela, soltando o ar pelo nariz. — É óbvio, Ben, ligue os pontos. Addie Jones foi assassinada há duas semanas, nos arredores do palácio. O povo vai questionar. Se nem a família real está segura, quem está?

— E quem disse que a família real não está segura?

— Os policiais que estão nos seguindo para cima e para baixo, talvez? Minhas aulas começam na segunda e ninguém me autorizou a ficar sem um segurança.

— São protocolos oficiais.

— Protocolos — Holy virou o copo de vodca contra os lábios — que não eram seguidos há anos. Tem alguma coisa estranha acontecendo, e a rainha...

Benjamin abriu um sorrisinho irônico.

— Você quis dizer a sua avó.

Holy bufou, irritada com a interrupção.

— A rainha sempre usa o truque do casamento arranjado quando precisa tirar o foco de algum escândalo. Pão e circo. A população adora, se derrete. Enquanto nós colocamos sorrisos falsos no rosto e assistimos à nossa vida ser arrastada para o buraco.

— O que eu posso dizer? — Benjamin bebeu o último gole da cerveja. — Você sempre teve uma veia dramática, princesa *Amélia* — ele pronunciou cada letra do seu verdadeiro nome devagar, forçando um sotaque que não lhe pertencia. — Seria interessante relaxar e entender que só dessa vez as coisas não vão ser sobre você. Vamos.

Holy bufou antes de terminar sua dose de vodca, batendo o copo contra a superfície do balcão para demonstrar seu descontentamento. Atraiu a atenção de uma das garçonetes, mas a mulher não disse nada.

— Para onde?

— Para o lugar de sempre. — Benjamin se levantou do banco, deixando três notas de cinquenta libras na bancada. — Isso deve pagar — disse, e piscou para a garçonete, ciente de que aquele valor era muito mais do que tinham consumido na noite.

Holy mordeu o lábio. Seguiu o conde para fora do bar e esfregou os próprios braços, arrependendo-se amargamente de não ter saído com um casaco mais quente.

Benjamin e Holy tinham um segredo: um flat de poucos metros quadrados na Cleveland Street, onde guardavam todas as coisas que não podiam manter no palácio. A lista era longa, desde bebidas, drogas, roupas consideradas impróprias para os membros da realeza até casos amorosos. Era um lugar seguro onde podiam ser mais do que seus títulos de nobreza. Onde a princesa *Amélia* podia ser só Holy.

Cleveland Street havia sido uma escolha dela. Em 1889, a rua ficou conhecida pelo escândalo da Cleveland Street, quando um bordel exclusivo para homossexuais foi exposto pela polícia. Depois de descobrir que um antepassado da família real era frequentador do bordel, Holy decidiu que deveriam revogar o escândalo para si.